

Roriz cobra eficiência

Governador se diz otimista para enfrentar problemas do DF e pede empenho dos assessores

José Luiz Oliveira e Marco Túlio Alencar

O governador Joaquim Roriz em entrevista ao JBr, reconheceu, que muitas das comissões que criou para o desenvolvimento de projetos não têm correspondido às suas expectativas, apesar das constantes cobranças e das prorrogações de prazo, que ele afirma ser “um voto de confiança” neste começo de mandato. Mas, “se for o caso — diz — eu substituirei aquelas que não estão dando certo. Eu tenho disposição, não vou me acomodar”. Joaquim Roriz garante que não vai governar sozinho, mas ouvindo todos os segmentos sociais: “Na medida que acontece este contato, eu sofro com os problemas, o que aumenta minha vontade em resolvê-los”. Brasília chega hoje aos 31 anos de vida tendo, pela primeira vez na sua história, um governador eleito diretamente pelo voto popular. A eleição de Joaquim Roriz aconteceu num momento de quase desespero da população carente do Distrito Federal, que depositou nele as esperanças de conseguir moradia, emprego, transporte, saúde e educação para todos. O governador traçou um plano de governo ousado, considerando-se o período de crise econômica pelo qual atravessa o País e prometeu acabar com muitos problemas, levando Brasília a cumprir a profecia de Dom Bosco de que aqui nasceria uma cidade próspera. Para enfrentar os desafios, Roriz — que declara incansavelmente o seu amor por Brasília — acredita ser necessário mais vontade política do que propriamente recursos. Na opinião dele, o importante é definir prioridades junto com o povo que o elegeu. Ele não teme os desgastes de um mandato com estas características, pois se diz preparado para superar os obstáculos. A palavra de ordem é desenvolvimento, sempre integrado com a região do entorno.



Roriz deposita suas esperanças na industrialização não-poluente do DF, transformando-o num centro de desenvolvimento nacional

“Se eu pudesse presentear cada brasiliense eu colocaria numa caixa uma dose de otimismo”

Jornal de Brasília — Governador, como o senhor vai administrar tanta esperança da população em ver resolvidos os seus problemas, com a falta de dinheiro do Distrito Federal, dentro do contexto de crise que atravessa o País?

Roriz — Eu sou muito otimista. Primeiro, acredito e gosto do que estou fazendo. É muito difícil você fazer aquilo que não gosta e eu me sinto bem em ser o governador de Brasília. Desse modo, vejo a cada dia aumentar a solidariedade do povo. Por isso, eu acho que é possível e o meu desejo é fazer o bem para todos. Para realizar obras, é necessário ouvir e conversar com o povo. Na medida que acontece este contato, eu sofro com os problemas, o que aumenta minha vontade em resolvê-los. Então o passo seguinte é definir as prioridades. Nesta parte, entram os recursos que sempre serão minguados, menores do que as necessidades. Daí, é mister ter vontade política de se fazer algo e priorizar de acordo com as vontades do povo.

Hoje, qual a prioridade número um?

— Dar habitação a todos os segmentos. Não só aos de baixa renda, que precisam mais. Os outros segmentos também estão angustiados com a falta de moradia. Durante os quatro anos do meu mandato, o objetivo será dotar Brasília de moradia para todas as classes sociais. Porque eu ousou dizer isso? Porque Brasília tem uma característica sui generis, pois o governo é detentor das terras ou poderá vir a ser através de um decreto que torna de utilidade pública os terrenos dentro do Distrito Federal. Portanto, eu digo que vou resolver esse problema, pois se nós não dispuséssemos da base para construir habitações não poderíamos desenvolver este programa.

Antes, acreditava-se que a distribuição de lotes atraía um número muito grande de migrantes para o DF, mas as pesquisas já começam a demonstrar o contrário.

— Esta é a única preocupação do meu governo: o chamado processo migratório. Não temos dúvidas de que daremos conta do problema de habitações, de escolas, de transportes e de saúde para os que estão aqui. Mas se nós não tivérmos um controle sobre as migrações, o tra-

balho poderá ser inviabilizado. Eu ainda tenho receios e, mesmo diante da perspectiva de atrair novos moradores para o DF, não posso deixar de resolver os problemas daqueles que aqui se encontram. É preciso desenvolver ações para melhorar os equipamentos públicos, enquanto pensamos nos métodos de disciplinar a migração.

Uma dessas formas passa pelo desenvolvimento da região do Entorno?

— Sem dúvida. A criação da Secretaria de Articulação com o Entorno tem esse objetivo. O governo está convencido de que aquela região não é uma linha divisória que precisa ficar separada de Brasília, já que a nova Capital Federal foi concebida com a proposta de se transformar num pólo indutor do desenvolvimento regional e nacional. Então, não podemos paralisar esse desenvolvimento. Ao criar melhores condições de habitabilidade na região do Entorno estaremos trabalhando para estancar a migração, uma vez que a melhoria daquela região compreende os setores de saúde, habitação e emprego. Desse modo, também preservaremos Brasília ao invés de pressioná-la. Antes, não tínhamos condições legais de fazer este atendimento, mas com a criação da Secretaria e de órgãos semelhantes também nos Estados de Goiás e Minas Gerais, onde estarei na próxima semana, poderemos realizar convênios para levar melhorias a todas as cidades da região limítrofe de Brasília.

De uma maneira geral, o Plano de Governo do senhor, para os próximos quatro anos apresenta pontos ousados que vão além da integração com o Entorno. Entre estes, encontramos a preocupação com as crianças carentes e o objetivo de retirá-las das ruas. O programa Nossas Crianças, entretanto, não tem apresentado resulta-

dos concretos, apesar dos prazos que foram determinados.

— Tudo o que era preciso fazer de forma institucional já foi feito. Faltava espaço físico para desenvolver um trabalho mais pragmático. Mas essas questões já foram superadas. Inclusive os atritos, que naturalmente existem já que tivemos de ocupar funções que eram de outras entidades. Todas as ques-

tões estão solucionadas e, num período de aproximadamente 15 dias, nós estaremos iniciando o processo de retirada das crianças das ruas, efetivamente, e levando-as para um local adequado. A busca de espaço físico é que gerou um atraso nas ações do programa.

Para desenvolver qualquer projeto, o senhor vem criando comissões e grupos de trabalho que não têm cumprido os prazos e,

muitas vezes, não apresentam respostas convincentes. O senhor não teme que esse tipo de atitude possa desgastar o seu governo?

— Na verdade, eu não posso governar sozinho. Por isso, se faz necessário criar algumas comissões. Temos encontrado algumas dificuldades, já que muitas das comissões têm pedido prorrogação de prazo. De qualquer modo, como ainda estamos iniciando o mandato, temos concedido prorrogação de prazo até o ponto que nós podemos suportar. Contudo, sinto que isto é ruim e desgasta a imagem do governo. Mas, eu posso garantir que meu período à frente do GDF, será diferente. Ele não terá esse estilo de apenas nomear comissões e não cobrar os resultados. Eu estou cobrando permanentemente, porém as respostas realmente não têm correspondido à minha expectativa. Se for o caso, eu substituirei as comissões que não estão dando certo. Eu tenho disposição, não vou me acomodar, mas primeiro estou dando um voto de confiança.

Uma das comissões criadas tinha como objetivo fazer um levantamento e dar destinações a todos os prédios inacabados de Brasília. Por que não houve resultados práticos até agora?

— Inicialmente, nós estamos fazendo um entendimento com as partes interessadas, mas tudo isso envolve problemas legais que precisam ser resolvidos na Justiça. A solução de um problema como esse demanda tempo. Nós estamos aguardando mais uns meses pois, apesar de terem sido detectados, todos os principais problemas, são necessários acertos finais. A nossa avaliação é de que estamos caminhando muito bem nesses primeiros 100 dias.

Uma das metas do seu governo é dotar a cidade de um parque industrial capaz de gerar empregos para os habitantes. Seria possível adiantar o que já existe de concreto sobre essa questão?

— Eu acredito que os criadores de Brasília só cometeram um equívoco dentro da sua construção: achar que a cidade teria no ano 2000 uma população de somente 600 mil habitantes. Brasília apresentou o “Eldorado” e houve um processo migratório superior ao previsto. Hoje, Brasília já tem mais de 1 milhão 700 mil habitantes. Esse fato fez com que a cidade deixasse de ser eminentemente administrativa e apontasse para a industrialização. Os empregos públicos estão esgotados e se faz necessário melhorar o comércio e a indústria da região para que absorva o excesso de mão-de-obra. Mas há um risco: poluir a cidade. Por isso, optamos por trazer indústrias não poluentes. O primeiro passo será dotar o Centro de Convenções de dotar o Centro de Convenções de melhores condições para atrair encontros internacionais de várias modalidades. Também vamos construir pólos industriais. Dentro de 60 dias, devemos inaugurar o pólo de informática e gemologia do Núcleo Bandeirante. Além disso, queremos criar em Brasília o Pólo de Cinema — uma fábrica de vídeo e filmes. O grupo de trabalho constituído pelos próprios criadores de cinema do Brasil está preparando um relatório sobre a proposta.

A sua posição, desde o início, é dotar Brasília de equipamentos públicos modernos, capazes de melhorar a qualidade de vida da

população. Por onde passa esse processo?

— Para a melhoria da qualidade de vida, várias peças são fundamentais. Entre elas está o metrô. Sobre esse aspecto eu estou informado de que o usuário não se preocupa somente com o preço do transporte, mas com a qualidade e a eficiência do serviço, além do conforto. Não é possível continuar com

ônibus que circulam levando mais do que o dobro da sua capacidade. O mundo, inclusive, já aprovou o metrô e não há nenhuma grande capital que não disponha desse tipo de transporte de massa. Quer dizer: nós não estamos inventando nada. Estamos querendo apenas implantar algo que deu certo. O que precisamos é esclarecer à sociedade sobre a importância da construção dessa obra. Mas, o metrô não é tudo para melhorar a qualidade de vida de cada família. É necessário, ainda, gerar trabalho. Além de boas condições de educação e saúde.

Quais os cuidados com relação à área da saúde?

— Nós já estamos trabalhando para melhorar o sistema hospitalar do DF. Hoje, não vemos mais faltar medicamentos ou materiais necessários a esta área. Como o governo está investindo na saúde, não estamos ouvindo reclamações dos hospitais. Além disso, assinamos quinta-feira passada decreto que cria a carga horária de 40 horas para os médicos da Fundação Hospitalar, que é opcional e melhora o salário da categoria.

Com o objetivo de acompanhar de perto os problemas de cada setor prioritário no seu governo, o senhor tem se deslocado e passa um dia da semana despachando em uma secretaria previamente escolhida. Qual a próxima área a ser visitada?

— Nesta quinta-feira, eu esta-

rei na Secretaria de Educação para discutir os problemas do setor. É bom lembrar que atualmente não existe nenhuma criança em idade escolar que não tenha sido matriculada. Houve um aumento, na rede de escolas públicas do DF, da ordem de 70 mil novas vagas, este ano. Não tem ninguém sem matrícula, não há déficit. Estamos ainda aumentando a quantidade de salas

e de professores. De um modo geral, cuidamos da educação, da saúde, do transporte e da geração de empregos, através da industrialização. A partir dessa constatação, eu acredito que, se conquistarmos êxito em todos esses projetos, vou me sentir mais feliz por ter sido o primeiro governador eleito e contribuir para consolidar essa cidade que eu amo muito.

O senhor viu Brasília nascer e crescer e agora participa do 31º aniversário da cidade trabalhando para a sua consolidação como um pólo de desenvolvimento. Como o senhor classifica essa participação?

— Brasília tem dois marcos: o primeiro é 1960, época da construção e mudança definitiva da Capital da República. Este marco é fundamental, já que o objetivo era tornar a cidade um pólo indutor do desenvolvimento. Outro marco é a emancipação política. Depois de 31 anos, Brasília está estruturada politicamente e eu tenho a felicidade de ser o primeiro governador eleito. O meu sentimento não é só de orgulho mas de vontade de trabalhar para concluir, em quatro anos, uma obra de resgate de todos os compromissos do presidente Juscelino Kubitschek.

Qual o presente que o senhor gostaria de dar a Brasília?

— Se eu pudesse presentear, neste dia, cada brasiliense, eu embrulharia numa caixa uma dose de otimismo.